

leves, a que se dá o nome de «taipa» (1). Esta «taipa» é formada por uma grade de barrotes de prumo verticais que se elevam sobre um soco baixo de pedra, distanciados cerca de 30/40 cm, com ripas horizontais pregadas a eles exteriormente por ambos os lados, a cerca de 20/30 cm umas das outras; o vazio entre estas peças enche-se seguidamente com uma mistura de barro e palha amassada com água, e hoje, preferentemente, com cacos de telha, sobre os quais se aplicam as massas só por fora, para assim «puxarem» mais depressa.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

---

### Uma malha em Celorico de Basto

No seu trabalho «Sacrifícios simbólicos associados às malhas», (in *Terra Lusa*, 1.º, Lx. 1951) Jorge Dias refere-se especialmente às malhas de centeio que presenciou em Celorico de Basto, interessando-se mais pelas cerimónias rituais que as acompanham, as quais considera mesmo uma das melhores confirmações das opiniões de Frazer e de Mannhardt, pelo invulgar ou quase único caso em que tão grande número de elementos, vulgarmente dispersos, se encontram nelas reunidos. Pelo aspecto funcional não se interessou especialmente, nem se alongou na apreciação do espírito de competição que as anima. São esses dois aspectos que vamos focar numa malha de centeio em Tecla, Celorico de Basto.

Enquanto um homem vai deitando os molhos da meda para a eira, os outros tiram-lhes os *nagalhos*, e dispõem a palha em camada espessa (cerca de 50 cm). Procuram encostar o *lado de cima* (lado para onde estão voltadas as espigas) da *eirada* a uma parede, amparando o *lado de baixo* (lado das *canelas* das caules) com uma escada. O escorregamento lateral da palha junto à parede é evitado com um molho aberto a meio.

Os malhadores começam por bater uma cabeceira, principiando num canto, deslocando-se lateralmente até ao canto

---

(1) Não confundir com a «taipa» que se usa no Sul de Portugal e nos países mediterrâneos, de terra batida e seca entre uma caixa de taipais de madeira, que se vai aplicando directamente sobre a parede em construção.

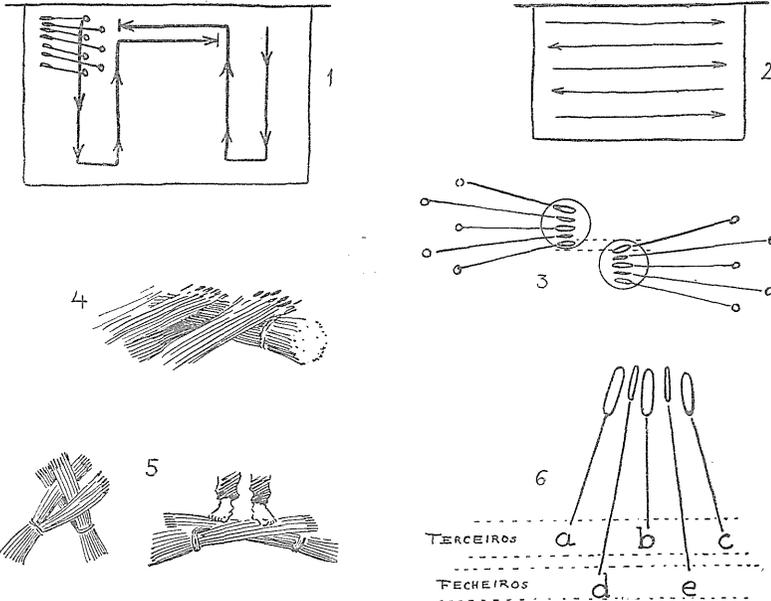
oposto, voltando ao ponto de partida, e recuando aí até ao meio do comprimento da eirada. Fazem então o mesmo para a outra cabeceira (Des. 1) seguindo-se uma batedela rápida a toda a palha sempre recuando. A esta passagem, em que os malhadores estão todos virados para o mesmo lado, chamam *saruga* (*sarugar*). Logo que acabam a saruga, com o cabo dum mangual ou dum engaço levantam e chegam para dentro a palha que saiu da eirada, varrendo aí o ladrilho; é o *dar a mangueira*.

Passa-se agora ao *bombear*, dispondo-se os malhadores em duas *bandas*, virada uma para a outra. Cada banda é formada por duas filas de homens: à frente estão os *terceiros*, munidos de manguais de cabo curto e grande pítigo (*malhos de terçar*); atrás, os *fecheiros*, batendo por entre o pequeno intervalo dos homens da frente, com os *malhos de fechar*, de pítigo muito pequeno e cabo muito comprido (Des. 6). Malham muito juntos, e as pancadas batem uma superfície muito pequena. O diferente movimento das mangueiras dá à malha um aspecto fora do usual, com a subida lenta dos malhos curtos desafinando do erguer rápido dos compridos; na descida, os grandes pítigos dos malhos de terçar assentam surdamente na palha, como que a segurá-la para a pancada nervosa dos pequenos, que descem rápidos, a assobiar. O ritmo é lento; há como que uma pausa após cada pancada, em que os malhos esperam antes de tornar a subir, como se a malha não fosse um bater cadenciado e contínuo, mas uma série de pancadas consecutivas, cada uma estudada e vibrada com violência especial. Quando, apesar de baterem muito juntos, os pítigos se não chocam, a pancada ecoa, grave e sonora; e é este som surdo e forte que é o orgulho das malhas. Certas eiras entoam mais que outras, pela sua construção ou situação; e até algumas têm uma sonoridade especial quando por baixo delas há a sorte de passar alguma mina. Também dentro de cada eirada há sítios onde se «tiram» melhores pancadas pela própria espessura e disposição da palha.

A «bombêa» é feita passando duma cabeceira à outra, as duas bandas viradas uma para a outra, mas um pouco deslocadas lateralmente (Des. 2) O circulo batido por cada banda está sempre avançado em relação ao batido pela outra, sobrepondo-se, ao se deslocarem, uns 30 cm (Des. 3).

Acabada a *bombêa*, e depois de dois homens tirarem com engaços a *palha morta*, *vira-se* a eirada, voltando a palha em sentido contrário, por cima agora a que estava por baixo. É aqui, ao *virar* da eirada, que escondem a «cruz» e a «anha», cujo achado provoca, como veremos, grande alegria e barulho. A cruz é feita de dois feixes de palha atados nessa posição, e a anha é

um molho ainda atado com o nagalho. No «lado de cima», que é agora a beira de fora da eirada, evita-se o deslizamento da palha pondo feixes ao comprido que se cruzam com outros atravessados (Des. 4); chamam a esta disposição *com vela*, mas podiam fazê-la *em cruz*, cruzando uma série de pares de molhos atados e calcando-os pela marcha dum homem sobre eles (Des. 5).



Malha-se então *na vira (bira)*, correndo a eirada como para a bombêa <sup>(1)</sup>.

A debulha está pronta. Depois duma pinga de vinho vem o *espalhar*, que é o sacudir a palha de modo a separar o colmo inteiro e comprido.

Este colmo é usado nas coberturas das casas, por aqui ainda muitas vezes feitas com esse material. Os homens começam por sacudir um pequeno feixe em cada mão, juntam-no em seguida

(1) Dizem *vir na achêga* (ao avançar) e *vir nas arrecuas*. Quando começam, os que *vêm na achêga* malham sempre a beira da eirada.

num molho só, e arrancam à mão, e com a ajuda do pé, a palha quebrada e o colmo mais curto. O «espalhar» principia pelo lado de baixo da eirada; mulheres e crianças retiram da eira o colmo separado, numa correria jovial. Mas a alegria atinge a explosão com o encontro da «anha». O achado desta, e o da «cruz», escondida na beira, marca por assim dizer, o remate da primeira eirada — só falta retirar a palha e varrer a eira —. É agora o «meio d'eira». Dizem *cavear* ou *fazer a tábua* ao fazer o lado de fora da eirada.

Este processo de malhar, em que cada banda se dispõe em duas filas de malhadores com malhos próprios para cada fila, parece ser raro em Portugal. Herculano de Carvalho (1), indica a sua existência apenas em algumas localidades dos distritos de Braga e Porto; e mesmo aqui por Celorico, ele tem uma área limitada a poucas freguesias.

Cada malhador tem o seu nome, que designa para uns a sua posição no grupo, para outros a função que desempenham (2).

A malha começa apenas com os malhadores rogados pelo dono do centeio. Mas as pancadas dos manguais vão chamando outros homens que tomam por um bocado o seu lugar na malha, e se retiram. Pode ser que nisto entre ainda qualquer ideia inconsciente de ajuda mútua, ou um sentimento obscuro do profundo significado que a malha contém; mas de qualquer modo o que irresistivelmente os chama é o som surdo e compassado da malha, o prazer desportivo do esforço em comum, o ouvir ressoar na palha o bater dos pírtigos, não absolutamente simultâneo, mas com ténues diferenças no avanço das pancadas, para desse modo conseguirem o máximo do som. Se, durante todo o tempo que durar a malha, quase sempre espreita o espírito de competição, é ao entardecer, quando se aproxima o fim, que ele se revela mais fortemente. Já realmente a debulha acabou, e os malhadores continuam num despique sério, a ver qual das bandas «tira» as melhores pancadas. Muitas vezes, para este momento, foi afastada a criança, e os assistentes falam baixo ou calam-se. Seria agora um insulto pretender alguém o lugar

(1) *In Coisas e Palavras*, Coimbra, 1953, p. 19.

(2) A combinação de malhadores direitos e esquerdos é sempre difícil, principalmente se a malha mete 7 ou mais homens de cada banda. Cada lugar ocupado tem sempre o seu nome, segundo a função.

de um malhador. Sabendo já o sítio em que a eirada entoa mais, é para lá que se vão dirigindo. O ritmo torna-se então mais lento; há mesmo uma paragem, em que os terceiros ficam curvados e imóveis, prendendo com os grandes pirtigos a palha batida, enquanto a banda contrária reúne a força e a certeza numa pancada mais sonora.

Por vezes isto prolonga-se, e é sempre delicado tentar acabar bruscamente, já que ninguém gosta de se dar por vencido; e é muita vez uma graça de qualquer, a meia voz, o pretexto que o dono aproveita para, largando o mangual, dar por acabada a malha (1).

FERNANDO GALHANO.

---

### Subsídios para o estudo do leite e da manteiga no norte de Portugal

O leite tem ainda hoje — e sobretudo teve outrora — grande importância como espécie alimentar normal de determinados sectores das populações rurais no nosso País, já consumido directamente, já pelo seu aproveitamento derivado, sob as duas formas principais do queijo ou da manteiga. É deste último produto, que avulta sobretudo no Noroeste atlântico (2) que aqui nos ocuparemos, focando os aspectos de indústria caseira tradicional e primitiva que o seu fabrico apresenta em muitos casos, certamente relacionados com a sua grande antiguidade.

O fabrico da manteiga no Noroeste pode-se considerar de origens muito remotas. Já Estrabão a ele se refere, dizendo que os lusitanos das montanhas usavam a manteiga em vez de azeite (3).

---

(1) Este espírito de competição, aliás vulgar em todas as malhas e em muitos outros momentos da vida profissional do povo, manifesta-se ainda por Tecla de uma maneira notável. No campo mais extenso daquela freguesia, a lavoura do milho é feita com dois ou três arados; antes de a terminarem, há um concurso no qual ganha um prémio de doces e vinho do Porto aquele que abrir em menos tempo um rego, sem cair nem se desviar do rego anterior.

(2) O fabrico do queijo no Noroeste, que deve outrora ter sido também de grande vulto (vide Alberto Sampaio, *As Vilas do Norte de Portugal*, p. 35), encontra-se hoje, nessa área quase totalmente mecanizado. Por outro lado, nas vastas zonas secas do Leste transmontano, alentejano e beirão, onde existe pastoreio característico de gado ovino e caprino, o fabrico da manteiga nunca teve a preeminência que lhe vemos naquela área.

(3) Estrabão, III, 3, 7.